



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

FRANCISCO ROGÉRIO GOMES SANTOS

**OS JESUITAS NO CEARÁ: MISSÕES E ALDEALMENTOS, ASPECTOS DE
ENSINO, CONTRIBUIÇÕES E CONSEQUÊNCIAS DA ATUAÇÃO DOS
JESUITAS AS POPULAÇÕES NATIVAS**

REDENÇÃO-CE

2018

FRANCISCO ROGÉRIO GOMES SANTOS

**OS JESUITAS NO CEARÁ: MISSÕES E ALDEALMENTOS, ASPECTOS DE
ENSINO, CONTRIBUIÇÕES E CONSEQUÊNCIAS DA ATUAÇÃO DOS
JESUITAS AS POPULAÇÕES NATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silviana
Fernandes Mariz.

REDENÇÃO- CE

2018

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar como se deu o primeiro contato entre jesuítas e nativos, bem como a estrutura de ensino criado pelos missionários da companhia de Jesus no Estado no Ceará, e as consequências advindas do processo de catequização para os nativos que se viram forçados a abandonar sua cultura, e aderiram ao colonizador europeu, abordando também a importância da fé cristã para os jesuítas e seus desejos quase que desesperados em salvar as almas enfermas.

PALAVRAS-CHAVE: Jesuítas, companhia de Jesus, aldeamentos, índios, catequização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que ele tem feito em minha vida, por seu amor e compaixão para comigo. Agradeço aos meus pais, o senhor José e a dona Regina por todo esforço para me ajudar, nunca me deixando ficar para trás. Agradeço a minha querida amiga Brena Raquel que esteve comigo durante os últimos dois anos, sempre me auxiliando em tudo precisei. Agradeço aos meus amigos Lucas Almeida e Natanael Silva pela ajuda e incentivo a prosseguir nessa caminhada. A minha orientadora Prof. Dra. Silvana que aceitou sem condenar este trabalho, e agradeço a todos os demais amigos e professores que me ajudaram nessa caminhada.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	6
2	DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	12
3	JUSTIFICATIVA.....	13
4	PROBLEMATIZAÇÃO/ CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	17
5	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	21
6	REFLEXÕES METODOLOGICAS/ASPECTOS TEORICO- METODOLÓGICOS.....	28
7	MÉTODOS/DESENHO DOS INSTRUMENTAIS DE PESQUISA.....	33
8	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES.....	34
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES.....	34

APRESENTAÇÃO

A educação brasileira sempre passou por diversas mudanças e transformações. Os principais responsáveis por essa educação implementada no nosso país foram os jesuítas, que vieram para cá, algum tempo depois da colonização, para alfabetizar os filhos dos colonizadores e dos indígenas, comandados pelo Padre Manoel da Nóbrega. Chegaram ao Brasil em março de 1549 e em apenas 15 dias já haviam edificado a sua primeira escola na cidade de Salvador na Bahia.

Adquiriram um grande poder junto as instituições coloniais, ocupando-se sobretudo, na alfabetização dos filhos dos colonos da época com o objetivo de mantê-los na fé cristã. Por outro lado, também se interessavam em trazer mais fieis, sendo assim se estabeleceu como uma de suas missões a “civilização” das populações indígenas através do projeto missionário da catequização. Contudo, perceberam que só conseguiriam evangelizar se alfabetizassem, ou seja, ensinassem os índios a ler e a escrever.

Conseguiram cumprir com boa parte de seus objetivos, por isso, existe hoje uma grande população de católicos em nosso país, falamos o português e estamos alfabetizados, há muitos colégios católicos em nosso país, que ainda seguem uma doutrina jesuítica, dentro das normas da LDB. A educação brasileira deve-se muito aos jesuítas por terem implementado uma educação modelo, que precisou e ainda precisa de ajustes, porém sua importância não deixa de ser significativa.

Este trabalho visa especificamente mostrar como se deu o processo educacional jesuítico no estado do Ceará, durante o século XVII tendo como foco os métodos utilizados, bem como suas contribuições para o período colonial. Entretanto, para que possamos entender como se deu esse processo é necessário voltarmos no tempo e analisar como se deu a formação de uma das maiores ordens religiosas já criadas conhecida como “A companhia de Jesus” reconhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional não apenas no mundo, mas nas américas e especificamente no Brasil Colonial.

A companhia de Jesus: Aspectos históricos

A companhia de Jesus é uma ordem religiosa que se consolidou em um período de grande decadência do catolicismo, fundada por sete estudantes da universidade de

Paris em 1534 comandados pelo basco inigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Inácio de Loyola, tendo sido reconhecida pela bula papal em 1540. Inicialmente tinha como objetivo reconquistar a cidade de Jerusalém e devolve-la aos domínios cristãos, desenvolvendo trabalhos de acompanhamento hospitalar e missionário na região de Jerusalém ou preparadas para “ir aonde o papa os enviasse, sem questionar”. Com isso, também fizeram votos de pobreza e castidade.

Com o passar do tempo, a ordem se destacou no trabalho educativo e principalmente missionário, por decorrência das necessidades do período, mas antes de mostrar alguns aspectos do contexto em que se deu sua fundação, julgo necessário mostrar um pouco sobre a vida de seu fundador o Padre Inácio de Loyola.

De acordo com Leite (1938), Inácio de Loyola (1491-1556) foi colonizado santo em 1622, mas mesmo tendo recebido o título de santo ele nem sempre se dedicou a vida espiritual. Nascido em 1491, pertencia a uma família de militares, e desejando seguir os passos de sua família, Inácio foi nomeado capitão da guarnição de Pamplona, após 4 anos de sua nomeação teve início uma guerra em que a guarnição que protegia Pamplona foi atacada e mesmo resistindo ao ataque Inácio acabou sendo ferido e levado para sua terra natal, para se recuperar, durante a recuperação Leite (1938) afirma que Loyola havia concluído que sua verdadeira missão não era combater pelos reis da terra, mas sim pelo rei dos reis.

Depois de ter lido os livros Vida de Cristo e Florigerio de santos criou-se em Loyola um novo ideal, que seria única e exclusivamente buscar a glória de Deus, depois de se recuperar, Loyola começou a trabalhar para esse objetivo, mas Leite (1938) coloca que Inácio percebia que lhe faltavam estudos para cumprir seu objetivo, então ele se dedicou e em 1534 concluiu seus estudos formando-se mestre em artes.

Inácio de Loyola escreveu as constituições jesuíticas adotadas em 1554 que deram origem a uma organização rigidamente disciplinada, enfatizando a absoluta abnegação e a obediência ao papa e aos superiores hierárquicos, o seu principal princípio tornou-se o lema dos jesuítas. Ad maiorem dei gloriam (“para a maior glória de Deus”).

Como havia falado anteriormente a criação da companhia de Jesus foi marcada por grandes questionamentos a igreja católica, os jesuítas atuaram em meio a uma série de medidas reformistas contra a igreja católica. Este movimento, liderado pelo monge alemão Martinho Lutero (1483-1546), ficou conhecido em 1517 na Alemanha como reforma protestante.

Segundo Cairns (1995), a reforma protestante foi vista como uma revolta contra a igreja de Roma e contra a pessoa que era responsável por tal igreja, nesse caso, o papa. Entretanto, foi nesse meio que mais se destacou entre todas que atuavam no período, foi a ordem em que seus integrantes não ficavam apenas em mosteiros, mas atuavam em todas as regiões do mundo.

Segundo Costa e Menezes (2005) haviam duas atividades da companhia de Jesus que a diferenciavam das demais ordens, que eram a missão e a educação:

De início, é preciso considerar que as duas grandes atividades as quais os jesuítas deveram sua fama, a missão e a educação, não constavam dos primeiros objetivos da companhia. A ordem religiosa que nasceu sob o signo da reforma protestante tornou-se missionária e educadora em resposta aos desafios que lhe foram impostos pelos mandatários de estados católicos. Foi em terras lusitanas, ou de domínio da coroa portuguesa, que os jesuítas principiaram a desenvolver aqueles trabalhos. (COSTA; Menezes, 2005, P. 33).

A companhia de Jesus foi uma ordem religiosa que se colocava inteiramente as ordens do papa, que tinha como objetivo a expansão da fé cristã como uma de suas principais funções, para alcançar esse objetivo foram criados os “aldeamentos” que eram áreas onde se erguiam aldeias naturais dos nativos, que eram conduzidos e mantidos para serem doutrinados, esses aldeamentos eram criados a partir da concessão pelo governo de terras necessárias a sobrevivência dos índios que visavam catequisar.

De acordo com Paiva (2012, p. 197), “em nome da religião, o único caminho de salvação que se abre aos gentios é a conversão forçada, dado que eles não tinham entendimento suficiente”. A carta do irmão Antonio Blázquez, ao Padre Inácio de Loyola, escrita em maio de 1556 é incisiva ao relatar as dificuldades vividas pelos padres para catequizar os índios, recorrendo a força erudita para alcançar esse fim.

[...] assim que por experiência vemos que por amor é mui dificultosa a sua conversão, mas como é gente servil, por medo fazem tudo, e posto que nas grandes por não concorrer sua livre vontade, presumimos que não terão fé no coração; os filhos criados nisto ficarão firmes chistãos, por que é gente que por costume e criação com sujeição farão d’ella o que quiserem, o que não será possível com razões nem argumentos. (In: NOBREGA, 1988, P. 159).

É na teia dessas relações e interesses que se insere a missão educacional e catequética dos padres jesuítas, é preciso que se tenha clareza de que a atuação da companhia de Jesus fazia parte de um projeto maior, o da colonização portuguesa. Colonização, educação e catequese são termos que resumem esse processo de retirada do índio, de tudo o que até então lhe dizia respeito e a inserção a uma nova realidade.

A “ação missionária, portanto, ao objetivar a conversão dos “selvagens” tinha a função de amolda-los à cultura europeia, ou seja, europeizá-los”. (TAVARES, 1995, P.39). Nesse sentido a conversão era nada mais, nada menos a passagem da vida tribal para a vida na sociedade colonial, baseada na exploração do trabalho escravo para a produção de produtos exportáveis (GAMBINI, 1988) a conversão, para os jesuítas, implicava em estilo de vida, o cristão europeu burguês.

Paiva (1978, P. 57), defendendo que os objetivos da companhia de Jesus eram religiosos a despeito da utilidade da atuação dos padres, argumentou que:

Os missionários não chegaram a tornar consciência desta utilização da catequese. Tinham por ideal instruir os índios na fé cristã, o que lhes parecia significar a necessidade de seu aportuguesamento. Este aportuguesamento não se realizava platonicamente: tratava-se de arranjar um lugar e um papel para os índios dentro da sociedade portuguesa. [...] seu objetivo principal era a conversão cristã.

Como havia mencionado anteriormente, os aldeamentos foram os locais onde mais se efetivou a ação dos jesuítas, de acordo com Xavier, Ribeiro e Noronha (1994, p. 42). “a reorganização total da vida em comunidade oi através das aldeias, levaram os jesuítas a penetrar decisivamente na vida da população nativa”. As regras dos aldeamentos revelam essa intenção de destribalização da alma indígena, isso fica evidente na lei proposta para regular os aldeamentos, em carta do P. Nobrega ao P. Miguel Torres, escrita na Bahia no dia 8 de maio de 1558.

A lei, que lhes hão de dar, é defender-lhe comer a carne humana e guerrear licença do governador; faze-lhes ter uma só mulher, vestirem-se, pois, tem muito algodão, ao menos depois de cristão, tirar-lhes os feiticeiros, mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos: fazê-los viver quietos sem se mudarem para outra parte, se não para entre os cristãos, tendo terras repartidas que lhes bastem e com estes padres da companhia para as doutrinare. (IN: LEITE, 1957, P.450).

“Analisar o processo colonial como um empreendimento do comercio ao qual se tenha associado a igreja, um a busca do ouro, outro à busca das almas”. (PAIVA, 2002, P.33). É importante ressaltar que a fé e o poder eram partes de uma unidade de pensamento pautada na Orbis Chistianus e na mentalidade mercantil.

Os colonizadores não eram contra a conversão dos indígenas, e tão pouco os jesuítas condenavam a atuação econômica do processo de colonização, os missionários “compreendiam e endossavam o papel da atividade econômica para o desenvolvimento

do processo de colonização de que aliás forma também beneficiados”. (TAVARES, 1995, P. 154).

Os jesuítas com seu projeto educacional e os portugueses que vieram para a colônia brasileira em busca de riquezas, tiveram papel fundamental na formação da estrutura social, administrativa, é produtivo da sociedade em que estaria sendo formada diante da realidade social daquele momento histórico, devemos analisar o projeto jesuítico, levando em consideração o desenvolvimento social e produtivo do período colonial, sendo que este desenvolvimento se deu justamente sob interesses comuns da coroa portuguesa e da era dos jesuítas como afirma (RAYMUNDO).

“A ordem dos jesuítas é produto de um interesse mútuo entre a coroa portuguesa e o papado, ela é útil a igreja e ao estado emergente, os dois pretendiam expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses, lugar e cristão, organizar o trabalho do novo mundo pela força da unidade lei – rei – fé”. (RAYMUNDO, 1998, P.43).

O método educacional jesuítico foi fortemente influenciado pela orientação filosófica das teorias de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, pelo movimento da renascença e pela cultura europeia, apresentando a centralização e o autoritarismo da metodologia a orientação universalista, a formação humana e literária e o uso da música.

O Ration Studiorum, que foi o método de ensino que estabelecia currículo e a orientação a ser seguido, constituído por Inácio de Loyola para controlar todas as atividades educacionais dos padres jesuítas, ofereciam três opções de curso: o curso secundário, e dois cursos superiores, o curso de teologia e o de Filosofia com durabilidade de cinco anos, que na maioria das vezes prorrogavam-se por seis anos, priorizavam a formação literária e humanista, pois, o ensino ministrado era fundamentalmente literário e classiais.

Para Leonel Franca (1952), os estudos organizados pelo Ration Studiorum visavam a formação profissional do homem, enquanto os cursos secundários tinham a finalidade de formar o humanista, o homem para viver em sociedade. No Brasil os jesuítas elaboraram, tendo como base o Ration Studiorum, um plano de estudos de forma:

[...] diversificada, com o objetivo de entender a diversidade de interesses e de capacidade; começando pelo aprendizado do português, incluía o ensino da doutrina cristã, a escola de ler e escrever. Daí em diante, continua em caráter opcional, o ensino de canto orfeônico e de música instrumental, e uma

eufurção tendo em um dos lados o aprendizado profissional e agrícola e, de outra, aula de gramática e viagem de estudos a Europa. (RIBEIRO, 1998, PP. 21-22).

A educação brasileira, no que diz respeito a atuação dos padres jesuítas, os principais responsáveis e fomentadores dela naquela realidade, tem de compreendida naquele mesmo contexto, é um erro olhar a atuação dos padres jesuítas e de seu legado educacional como, retrograda, escolástica e medieval, num sentido de devolver-lhe desses termos. Os jesuítas eram homens de seu tempo, defendiam e propagavam um catolicismo, com espírito reformista e uma lógica mercantil eram os dois lados da realidade que expressa a vivência, atuação, educação e catequese jesuítica na América portuguesa.

Devemos ter em mente que a Companhia de Jesus não foi a única ordem religiosa que atuou na colônia brasileira, mas foi aquela que teve mais destaque e que primeiro desembarcou, tiveram papel fundamental e acabaram por contribuir não só para o êxito do projeto português, mas para a consolidação do Brasil, sua cultura, educação e idioma atual.

É pensando em toda essa contribuição dada pelos padres jesuítas que este trabalho é dedicado, sua atuação que foi capaz de criar um modelo de educação que possibilitasse não apenas instruir indígenas e colonos, mas que contribuísse para o bom desenvolvimento da colônia, o desejo de repassarem seus ensinamentos e sua cultura que até hoje permeia toda sociedade.

Os jesuítas deixaram um legado de colégios organizados em rede, um método pedagógico, e um currículo comum. Embora o processo de colonização tenha atuado como uma ferramenta de imposição cultural aos índios, como forma de exercer o domínio sobre eles, é por meio da Companhia de Jesus que a educação brasileira se desenvolveu, atendendo as necessidades da sociedade, dedicando-se a educar a elite e sendo responsável pela integração da cultura europeia e indígena, disseminando-as pelos colégios e igrejas.

O estabelecimento organizacional e a sistematização do ensino foram relevantes para o processo de formação da educação brasileira. Ao trazer para o Brasil uma estrutura de ensino, baseada na *Ration Studuorum*, possibilitou que a educação em nosso país um currículo regimentar baseado em uma forma eficaz de sistema de aprendizado para a época. Desse conjunto de normas que organizaram e estruturaram a

educação jesuítica, o que não permanece evoluiu, compondo a atual lei diretrizes e bases da educação nacional.

DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

O presente trabalho pretende fazer uma análise do processo de contato entre nativos e missionários jesuítas no Estado do Ceará, levando em consideração a concepção religiosa que vai reger este contato que seria a “concepção cristã medieval”, bem como a superioridade da religião cristã sobre todas as outras, e mais, a forma como a religião cristã introduziu no pensamento da sociedade de que haviam dois tipos de homens, os bárbaros, seres irracionais, cruéis e cheios de raiva, e o homem “civilizado” sendo que este seria virtuoso, racional, educado e escolarizado. Essas duas ideologias estão entrelaçadas nas relações europeu/nativo no Ceará ate o final do século XIX e início do século XX, é partindo delas que o projeto educacional jesuíta toma forma, visando a conversação dos nativos, este é um dos pontos vitais que será abordado neste breve trabalho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) A interferência da religião cristã em aspectos essenciais da cultura dos povos nativos no Ceará com o objetivo de europeíza-los.
- b) A tentativa de transforma-los em bons cristãos, mesmo que isso significasse um ato de extrema violência contra seus modos de vida.
- c) A religião e o poder de cura como elementos essenciais para compreender sua organização social.
- d) A guerra simbólica.

JUSTIFICATIVA

A atuação dos jesuítas no Ceará, se desenvolveu entre 1606 a 1759, coma vinda dos Padres Francisco Pinto e Luis Figueira, após passassem por um longo treinamento em Portugal e na Bahia para se adaptarem as matas e o clima do sertão nordestino, adentraram as matas e criaram, colégios, capelas, aldeias e ajudaram na transformação de pagãos em cristãos. Os jesuítas permaneceram aqui ate serem expulsos pelo marquês de Pombal em 1759. Conseguindo assim, destruir todas as missões jesuítas no Brasil, prendendo, torturando e matando os Padres.

No começo os membros da companhia de Jesus tentaram evangelizar os índios de forma espontânea utilizando danças, procissões, cantos e pregações, além de viver junto com eles nas aldeias. Mas, assim, que os Padres deixavam as aldeias, os indígenas voltavam as mesmas práticas ancestrais, que eles faziam. Assim, os padres da companhia de Jesus entenderam que seria necessário, domina-los e afastando deles seus hábitos primitivos em especial dos pajés, justiceiros e curandeiros.

No intuito de adaptar melhor os nativos para que assim eles pudessem se converter de modo mais fácil, foram criados os chamados aldeamentos, espécies de aldeias artificiais, com um ambiente diferente das aldeias indígenas tradicionais, era nesse reduto onde os índios eram doutrinados.

Esses aldeamentos foram formados a partir da concessão de terras pelo Governo, sendo essas, terras necessárias para a sobrevivência dos índios que estavam sendo catequizados, mas para dar sustentação econômica as aldeias, o Governo português decretou a entrega de sesmarias aos Padres para que pudessem criar gado.

É importante ressaltar que comprando ou mesmo por doação, os jesuítas acabaram se tornando grandes proprietários de terras e trabalho indígena nos aldeamentos enriquecia a companhia de Jesus, a posse de tantos bens e o domínio sobre a mão de obra tão grande como a indígena, acabava criando conflitos entre os colonos e os Jesuítas.

Com os aldeamentos, houve uma mudança no modo de vida dos indígenas em vários aspectos. Com relação a moradia, os indígenas passaram a viver em casas de taipa, sendo separados por famílias, e locais permanentes, outra mudança significativa foi as questões relacionadas ao trabalho, como não tinham o objetivo de acumulação, dedicavam-se ao trabalho tempo necessário para conseguir os meios de sua

sobrevivências, ficando boa parte do dia sem tarefas, daí surgiu o preconceito dos europeus por verem os índios como preguiçosos.

Os atritos entre o modo de vida europeu e o nativo não estavam restritos apenas a questões de trabalho e moradia, a imposição da família monogâmica tinha o papel fundamental. Para atuar os atritos, o maior desafio dos jesuítas se constituiu também nos líderes indígenas, que detinham a posição de guerreiros, sendo os que mais usufruíam ao privilégio de ter mais de uma esposa dentro do grupo. A nudez também era algo de extrema repulsa para a igreja, sobretudo a feminina, então os padres obrigavam os índios a usarem roupas, principalmente estando próximos as mulheres.

O pensamento que orientavam a prática dos jesuítas tornava os índios como “tabuas rasas”, no outro popular criado por Capistrano de Abreu, ou seja, sendo possíveis de serem adestrados educados.

“Os jesuítas representavam outra concepção de natureza humana. Racional como os outros homens, o indígena aparecia-lhes educável. Na tábua rasa das inteligências infantis podia-se imprimir todo o bem aos adultos e velhos seria difícil acepillar, poderiam porem, aparar-se arestas, afastando as bebedeiras, causa de tantas desordens, produzindo-lhes comerem carne humana, de significação ritual repugnante aos ocidentais impondo quanto possível a monogamia, começo de família menos lábio. Para tanto, cumpria amparar pobre gente das violências dos colonos, acenar-lhes com compensações reais pela cercadura de maus hábitos inveterados, fazer-se respeitar e obedecer, tratar da alimentação, do vestuário, da saúde, do corpo em fim para dar tempo a formar-se um ponto de cristalização no amorfo da alma selvagem. Tal a ideia de nobreza.” (Capistrano de Abreu, 2000 [1907] : 78).

É preciso destacar que os aldeamentos representou uma adaptação da estratégia jesuíta frente a reação dos nativos e catequese, assim com as dificuldades, as aldeias de certo modo se constituíram no “único lugar” que permitiu o trabalho missionário dos jesuítas, segundo a visão de Pompa:

“O aldeamento, portanto, não foi fruto de uma instância de uma autoridade central de Roma, mais de uma solução local, um esforço de adaptação á situação econômica, política e religiosa específica da colônia”. (POMPA, 2001:60).

Nos aldeamentos a vida dos índios era administrada, principalmente em dois aspectos, a espiritualidade e o trabalho. Os jesuítas torturavam os índios com a desculpa de que os índios eram mal organizados mais na verdade isso caracterizava adestramentos dos índios para se adequarem as convivências dos colonizadores, a companhia de Jesus exigiu, para que houvesse sucesso no desempenho de suas funções a administração dos índios:

“A administração espiritual dos índios é tão dependente do temporal, que sem esta não se pode conservar aquela. E os missionários não tiveram ambas, é impossível a conversão dos gentios é certa a ruína dos cristãos...” Porque motivos que os traz dos sertões, e conserva nas aldeias, é o amparo dos missionários”. (VIEIRA, apud Serafim Leite, 1943:125).

O estilo de vida nos aldeamentos era algo muito distinto. Foi necessário o estabelecimento de uma ordenança própria para as aldeias e missões, exigia-se dos missionários disciplina, organização, rigor e devoção, suas casas eram próximas a igreja as tarefas domesticas eram desempenhadas por no máximo 5 moças, as atividades do jesuítas se resumiam na orações, na catequese, na assistência aos doentes e no controle sobre os índios, já para os indígenas a vida era regida sob condições de rigorosa disciplina, ordenada por uma língua de organização social completamente diferente da sua, a de que eles passaram a fazer parte da sociedade cristã portuguesa e servas do rei de Portugal em 1695, os jesuítas conseguiram se instalar na serra, criando em 1700 o aldeamento de nossa senhora de assunção da Ibiapaba, no que hoje se localiza a cidade de viçosa do Ceará. Em 1702 aldeia da serra de Ibiapaba já abrigava mais de quatro mil pessoas, tornando-a a maior aldeia jesuíta aqui no Estado do Ceará:

“A missão da Ibiapaba, consolidada finalmente em 1700, tornou-se uma das maiores do país. De fato, reunia mais de 4000 almas, em varias ruas independente formando como que três aldeias diferentes. Cada uma com seu principal. Em 1759 quando da expulsão dos jesuítas tinha aldeia, além das terras de lavouras, quatro grandes fazendas, de onde se vendia anualmente grande numero de bois e cavalos ”.(SERAFIM, Leite, 1943:66).

Seu governo era de responsabilidade dos padres jesuítas, mas a aldeia continha em sua organização características militares como mostra o trecho a seguir:

“Dividimos os índios todos em companhias, nome ando-lhes por capitães e cabos a alguns mais beneméritos e de mais autoridade e séquito entre eles; aos quais fizemos fazer suas casas de guerra, mandando-os os seus principais raças mostra em algumas ocasiões para os ter exercitados e prontos não só para a defesa contra os tapuia, se oferecer ocasião, mas também para socorrerem e guardarem aos brancos, se o pedir a necessidade ”(SERAFIM Leite, 1943:64).

Em 1727, após terem recebido uma doação de terras em Aquiraz, jesuítas ergueram ali um hospício, de acordo com a linguagem da época, seria um ponto de hospedagem ou residência, em outros paladares, seria um local de descanso para os jesuítas em sua persignações pelo Ceará, este hospício serviu também como centro de ensino. Um colégio interno onde eram recolhidos os filhos dos moradores das fazendas próximos que possuíssem uma vocação religiosa. Com o passar do tempo, outros aldeamentos foram criados no século XVII e no século seguinte, nas regiões próximas a

Fortaleza, como os aldeamentos de Parangaba, Caucaia e Paupina. Também foram aldeamentos cearenses durante o período colonial: paiacu, depois intitulado monte-morvelho, guarani e hoje Pacajus, monte-mor-novo onde se encontrar o atual Baturité, telha, atual Iguatu, mirando, hoje Crato, missão velha e missão nova, compreendendo o atual São José do cariri, Aracati-mirim. Atual Almofada, e Salamanca, hoje atual Barbalha.

O Celebre escritor Pompeu sobrinho argumenta que existiam vinte e dois povos no território Cearense, durante o período em que ocorreram as primeiras explorações, o Ceará era ocupado por uma população nativa consideravelmente poderosa e que tinham diversas procedências. O grupo de nativos mais antigos eram os Tarairiús, subdivididos internamente em varias tribos, eles viviam principalmente entre nas regiões entre a praias e o vale do cariri e a serra da Ibiapava, já na parte litorânea, no trecho oriental e ao norte da serra da Ibiapava, viviam os índios da família tupi, e na regiões entre o rio aracatiaçu e Parnaíba vivam os índios tremembe ou taramembé, em seus estudos; Pompeu concluiu que os índios cearenses estavam divididos em dois troncos linguísticos, o tupi e os tarairiu. É importante ressaltar que no processo de catequização feito pelo jesuítas nos aldeamentos, a língua dos nativos também sofreram serias alterações na tentativa de destruir os países sobrenaturais dos indígenas e torna-los um grupo hogenios de acordo com os padrões impostos pela sociedade europeia-cristã.

A estratégia dos missionários jesuítas foi a de reunir as invasões procedentes de várias etnias, com isso, trataram de substituir a língua originaria dos nativos pela nheengatu, uma língua criada pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII para uma melhor cristianização dos índios o nheengatu reunia o vocabulário e pronuncia tupi com a

Dramática da língua portuguesa, a destruição do dialeto do jesuítas se configurou em algo tão bem sucedida que viveram no ceara, desconhecem completamente suas linguagens originais.

Com a expulsão dos jesuítas do reino em 1759 pelo marquês de Pombal, os aldeamentos se transformaram em vilas, controladas por um diretor, os rituais religiosos dos jesuítas passaram a ser realizados por padres com forte ligação com proprietários de terras, os índios passaram a ser mais explorados, quando não eram expulsos pelos colonos e obrigados fugir da aldeia.

Não se pode negar a importância da atuação dos jesuítas, não só no ceara, mas em todo território brasileiro, com seus ideais e trabalho missionário, eles deram o ponta pé inicial para a formação do estado brasileiro, com um projeto educacional visando a instrução e inserção do indígenas na nova sociedade que estava se formando, seu

modelo de educação pioneiro se tornaria séculos depois , as bases para um dos temas é a do nosso atual modelo de ensino, por isso ainda existem muitos colegas jesuítas espalhados pelo país, mas não podemos esquecer que com isso houve a imposição e a destruição de valores essenciais para os indígenas, causando sequelas que ainda hoje são sentidas em todas as terras não só do ceara mas do Brasil, este é um temas que será abordado nesse breve trabalho sobre a atuação dos jesuítas no ceara.

PROBLEMATIZAÇÃO/ CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Como seria falado anteriormente, a doutrina cristã pregava pelos jesuítas interferiu de modo significativo em as em aspectos essenciais da cultura dos povos indígenas, tentativa de europeíza-los em seu modo de vida, a necessidade de transformar o modo de vida dos índios estava sempre decretada nas cartas missionarias, no trecho de uma carta que data de 1963 na qual relata os progressos que a catequização estava tendo no ceara ,mostra o resultado do ensino religioso dos jesuítas nas questões relativas ao casamento, fazendo com que os indígenas abrissem mão da polemica, ou seja, varias esposas para terem somente uma:

“ (...) e a um deste mais pertinaz em querer conservar duas a que tenha o castigou Deus , matando-lhe a segunda e assim se casou com uma somente. Só um principal conserva ainda duas que tem, ambas irmãs com a qual dissimulamos ainda, por jesuítas causas, porem já tem prometido largar da segunda , tanto primeira se batizar e causar com ele in fácil encilencial”

Era necessário transforma-los em cristãos mesmo sendo um ato de extrema violência para o modo de vida dessas populações, é diante desse contexto de abuso que surge a chamada guerra simbólica, um confronto mudo entre dois modos de vida.

Para que possamos compreender como se dava a organização social dos povos nativos, a religião e o poder de cura, a atuação do Page como curandeiro e de interlocutor entre os espíritos e os indígenas e como guardiões da cultura acabou sendo percebido pelos jesuítas, que haviam Falhado em uma primeira tentativa de converter os índios apenas coma palavra, isso em 1549 como os Padres Manoel da Nobrega, em 1552 Nobrega juntamente com outros jesuítas desconsideraram a pregação da palavra com forma para converter os indígenas mudando o seu meteoro de evangelização em 1553.

Foi nesse contexto de mudança nos métodos de evangelização, que se destacou o Padre José de Anchieta. Com suas habilidades como médico, a medida que ele ia curando os índios, se tornaria mais fácil a conversação. Os nativos acreditavam que aqueles que tinham o dom da cura, podiam se comunicar com os espíritos e vice versa, característica essa presente nas sociedades tupi.

O confronto mudo entre missionários e nativos (guerra simbólica) já estava presente nos primeiros contatos entre eles. Em um relato do padre Luiz Figueira sobre a atuação do pajé entre os tabajara da serra dos ibiapava, demonstra profunda negatividade sobre os costumes religiosos dos indígenas e exalta os seus próprios, a fé cristã:

“estando nos um dia a noite em nossa casa ouvimos um que torcia com grande eficácia e escarrava procurando de vomitar fazendo grande estrondo, mandando saber oque era aquilo, vinheram nos dizer que estava um menino doente e um feiticeiro que o curava e a cura era chupa-lo como costumam dizendo que lhe tiram o mal de dentro e, para fingirem melhor o engano, metem na boca um prego ou causa semelhante, e com aquele escerrar fingem que chuparam e o curaram ao doente e que aquilo era o que lhe fazia mal, fomos nos ver então o menino, e olhando muito mal aparelhamo-lo; perguntando se queria ser filho de Deus respondeu que sim com grande alegria e que queria ir para o céu e logo mostrando uns efeitos de predestinação recebeu o santo e altíssimo no dia seguinte (...) e com ele se foi para a gloria, fomos para ele ajudando-se todos os cristãos nossos companheiro e o trouxemos a enterrar ao pé de uma grande cruz que diante de nossa igreja tinha levantado”

O trecho relata uma clara desqualificação do pajé, na condição de medico e sacerdote, no trecho a seguir é possível perceber a interferência dos missionários nas praticas dos indígenas referentes ao poder da cura, afirmando ter curado uma criança doente.

“Outra criança de poucas semanas ainda estando com os olhos em alvo para esperar batizamos e foi o senhor servido dar-lhe saúde tomando logo dai a pouco o peito da mãe que antes não tomava”

Os jesuítas, partindo da experiência de Anchieta em 1549 queriam convencer os índios que da mesma forma que os pajés, eles também tinham o dom da cura e de que eram aptos a conversarem com os espíritos.

“São supersticiosíssimos e creêm cegamente nas mentiras de seus pajés ou adjuntos; porem nesta parte vivem já muito emendados com a ajuda divina os que conosco assistem. [moram] Porque muitas vezes as temos convencidos com razões erudentes, mostrando-lhes as falsidades e embustes dos seus

pajés, curando e dando são, por permissão divina, a muitos enfermos que os pajés nunca puderam sarar”

O missionário desqualificava a posição do pajé, como médico e sacerdote, estabelecendo assim a guerra simbólica o enaltecimento da fé cristã é um elemento fundamental para a existência desse conflito . Veja como essa ideia de superioridade estava presente em uma carta do padre Alexandre de Gusmão, responsável pelo trabalho dos jesuítas no Brasil em 1696 ao rei de Portugal sobre a ação dos missionários aqui no Ceará:

“Esta carta se não pode reduzir a mais breve campedio, porque toda ela lhe necessária para constar a vossa majestade dos muitos índios que tem as terras do Ceará. Como Deus nosso senhor, foi servido toca-los da sua mão para disporem a receber a verdadeira lei da igreja depois de por tempo o terem recusado (...)”

Este relato é importante, pois mostra que os povos indígenas no Ceará resistiram ao processo de catequização. Na tentativa de preservar o seu modo de vida, mas a ideia de superioridade do cristianismo estava presente em vários ambientes sociais sem estar totalmente restrita as paredes da igreja. Vemos isso no parecer do conselho ultramarino jesuítas na serra da Ibiapaba:

“Parece representar a V.mag, que por este papel e revelação que faz ao Padre Ascenso gago sendo o incansável espirito com que os religiosos da Companhia de Jesus trabalham nas missões do Cear, e o que tem sobrado na conservação daqueles índios, não perdoando a nenhuma delinquência para conduzir ao conhecimento da luz e da verdade desprezando não só inmensas incomodidades que se sentem na aspereza daquele certão, mas ainda evidentes riscos da vida; quados do zello de que se logre para o serviço de las o bem espiritual da sua redução, é para o de V. mag o de se acrescentar em seus domínios mayor numero de vassallos de que se considera receber sua grandíssima utilidade, pois, por este meyo se podem ajudar as deferênciasdaquella mesma conquista, sendo os índios as fortalezas que a defendão, quando os inimigos desta casa intentem senhorear aquelas serras, fazendo-se mais dignas as ações destes missionários de grande valor”

A fé cristã era o único caminho para levar os “bárbaros” a conhecerem a luz, no entanto o preconceito contra as práticas religiosas dos nativos era muito grande. Chegamos ate mesmo a demonizar essas práticas, Elias Herckman, que durante a ocupação Holandesa foi a responsável pela administração da Paraíba, em seus estudos sobre os costumes dos tapuias em 1639 demonstram essa mesma visão preconceituosa dos católicos ao afirmar que:

“São homens incultos e ignorantes, sem nenhum conhecimento do verdadeiro Deus ou dos seus preceitos; servem pelo contrario, o diabo ou qualquer outro mal espirito, como tratando com eles temos observado.”

Quando pensamos no projeto educacional jesuíta devemos compreender que eles não estavam apenas interessados em ensinar os nativos a somente ler, escrever e rezar, não, eles estavam tentando mudar o modo de vida dos povos indígenas acreditando que só havia uma religião verdadeira e os que não seguissem seriam considerados irracionais e bárbaros.

O deputado Tristão de Alencar Araripe considerava uma total perda de tempo, a tentativa de catequizar os índios, ao afirmar que essa tentativa era ineficaz dando que mesmo com a catequização, os índios continuavam com as mesmas práticas selvagem e religiosa com relação ao trabalho.

“Se fizéssemos progresso neste assunto, veríamos anualmente crescer o numero de aldeamentos, e o censo da população selvagem já domesticada pela catequese. Vemos o contrario: vemos que as aldeias nem aumentam, e antes aniquilam-se, nem os habitantes delas tornam-se numerosos. Logo a catequese é um serviço inútil, e um dispêndio sem compensação (...)”

“Os capuchinhos fazem o que fizeram os jesuítas: trazem o selvagem ao aldeamento, mas o selvagem continua nos seus hábitos congeniais dos bosques, e não sujeitas ao trabalho regular e proficuo”

É de fato importante como os representantes do povo viam os índios como um estranho no que se refere ao deputado Alencar Araripe é normal que ele pense assim dada a sua crença no modelo de vida capitalista, como sendo o único viável para a sobrevivência no capitalismo, o homem só vale aquilo que ele produz, algo não muito diferente do que os jesuítas acreditavam.

“Certo de que nos bosques tem alimento sem fadiga, e prezando sobretudo a independência, o indígena americano, que o jesuíta catequizou, e que o capuchinho hoje congrega em pequenos núcleos, nunca viveu nem vive com animo para o trabalho junto aos padres:

Vem ao aldeamento para assistir as festividades religiosas, ali esta enquanto há folgança; apenas porem é compelido no trabalho, regressa as bhrenhas conferidas, e jamais se civiliza. A índole do selvagem americano repugna as condições da vida civilizada”

Vemos com o deputado Araripe que a guerra simbólica entre nativos e portugueses também se deu nas relações de trabalho, os portugueses com um modelo de produção capitalista, voltado para a produção e acumulação de capital ou de bens, e os indígenas com uma produção limitada a sua sobrevivência essa característica dos

indígenas levaram o deputado Araripe a concluir que eles são incivilizados e que não se submetem ao trabalho regular: “(...) O indígena da América é refratário a civilização, e que não presta-se ao hábito do trabalho,” “(...) não puderam obter que o indígena das terras americanas se condenasse com a vida do homem civilizado, isto é, com o trabalho e a restrição da liberdade”

Os jesuítas por sua vez, mostraram que seu projeto educacional daria resultado não só naquela época mas também para as gerações posteriores, refletindo isso nos dias atuais, no nosso modelo de ensino.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Anderson dos Santos de Oliveira em seu artigo “a atuação catequética educacional dos jesuítas na América portuguesa quinhentista e a mentalidade mercantil” demonstra que a vida cotidiana dos jesuítas, bem como sua atuação educacional e catequética, apesar de seus objetivos religiosos, organizava-se a partir de uma mentalidade mercantil, baseando-se em um estudo historiográfico da realidade europeia lusobrasileira do século XVI, utilizando também um inventário das cartas dos jesuítas enviadas do Brasil, a partir das cartas ele estabelece um relatório de como as fontes os temas referentes ao tratamento dado aos gentios.

Segundo ele, no início das missões, os jesuítas se deslumbraram com a terra e com os índios, igual a um mercador que descobre uma nova rota comercial, com abundância em mercadorias prontas para serem vendidas, a mentalidade do lucro se estabeleceu e se tornou o método da imposição:

“Em nome da religião, o único caminho de salvação que se abre aos gentios é a conversão forçada dado que eles não tinham entendimento suficiente” (PAIVA,2012,P.197).

A imposição da fé cristã pelos jesuítas também é retratada em carta do irmão Antonio Blaquez ao Padre Inácio de Loyola datada de maio de 1556 na Bahia é clara:

[...]assim que por experiência vemos que é mui dificultosa a sua conversão mas, como é gente servil, por medo fazem tudo, e posto que nos grandes por não concorrer sua livre vontade, presumimos que não terão fé no coração, os filhos criados nisto ficarão firmes cristãos, porque é gente que por costume e criação com sujeição farão

dela o que quiser, o que não, o que não será possível nem com razão, nem com argumentos. (IN; NOBREGA, 1998, P.159).

Era necessário conservar os índios ou tira-los da vida de pecados, pecados estes que na ideia dos jesuítas eram os costumes dos próprios nativos, nesse contexto os lucros da “empresa religiosa” dos jesuítas se consideravam na medida em que conquistava os nativos ou os colocavam em um novo contexto social.

“A ação missionária, portanto, ao subjetivar a conservação dos selvagens, tinham a função de amolda-los á cultura europeia, ou seja, europeizá-los”. (TAVARES, 1995 P.39)

Nesse aspecto, a conservação, marca de todo o processo resumia-se na passagem da vida tribal para o consumo na sociedade colonial europeia baseada na exploração de mão de obra escrava para produzir madeira exportáveis (CAMBINI, 1998) era fundamental educar o índio para o modo de vida marcante, os jesuítas ao disciplinar o índio na fé católica, acham o intuito de adapta-lo a novos tempos.

É importante ressaltar que mesmo que a atuação dos jesuítas tenha tido papel chave no processo de colonização e inserido o índio a cultura mundial, nos quadros do capitalismo o autor não defende como objetivo principal dos jesuítas o comercio, ou o aumento de capital, seu real objetivo era á salvação da alma, os jesuítas tinham a missão de converter os índios, mas a ideia ou trabalho fazia parte do pensamento e atuação dos jesuítas, a conversão resumia apenas a isso, o estilo de vida do cristã europeu português.

“ Os missionários não chegaram a tomar consciência desta utilização da catequese tinham por ideal instruir os índios na fé cristã, o que eles parecia significar a necessidade seu aportuguesamento. Este aportuguesamento não se realizaria plenamente; tratava-se de arranjar um lugar e um papel para os índios dentro da saudade portuguesa [...] seu principal objetivo era a conservação cristã “(PAIVA, 1978, P. 57)

O autor concluiu os jesuítas eram apenas homens de seu tempo, defendiam propagavam e militavam em beneficio do catolicismo, atuando a partir de uma mentalidade eram lados da realidade vivida por eles, vivendo, atuando, educando e

catequizando na memória portuguesa se século XVI. Em seu antigo intitulado “ A educação na américa portuguesa; sujeitos, dinâmicas, sociabilidades, Thais Nivia de Lima e Fonseca, analise documentos produzidos a partir das relações entre professores régios e a administração que era responsável pelo controle do ensino na américa portuguesa, utilizando documentos encaminhados pelos professores régios a governadores e bispos locais, traduzindo as relações estabelecidas entrelaçadas por aspectos do funcionamento das escolas regias, inauguradas com as reformas pombalinas em 1759.

O funcionamento desse sistema de aulas regias, criado pela coroa portuguesa durante o século XVIII pode se entendida através de documentos produzidos a partir de órgãos responsáveis pela arrecadação e administração de impostos, como por exemplo a Real Fazenda, com suas sedes localizadas em cada uma das capitânicas da américa portuguesa, pois para receberem seus Salários, os professores, as professoras tinham que apresentar a junta da fazenda, junto com documentos emitidos pelas câmaras das vilas as quais eles pertenciam, na qual era constatado o funcionamento regular das aulas.

A criação das primeiras regias, bem como as primeiras refaz para entrarem no magistério publico se deu em 1759. Junto com privilégios para tornar a profissão mais atraente aos filhos dos candidatos, os salários não foram fator decisivo no momento, pois variavam de acordo com a cadeira ocupada, bem como a região de onde vinha candidatos, o principal atrativo para ingressos no ensino régio estava ligado nos âmbitos dos valores e das práticas sociais do antigo regime, concedendo privilégios a professora de gramática latina, grego, retórica, filosofia e desenho, denominando esses grupos de pequena nobreza.

Com isso, ela conclui que para uma maior história da educação, além da escolar, é preciso avançar na análise do processo histórico desde o início que a sociedade começava a conviver com a instituição escolar, para isso é necessário o trabalho com documentos que poucos foram utilizados na historiografia brasileira, portanto é necessário a reflexão sobre uma historia social da educação no Brasil colonial e a utilização de metodologias que permitam uma aproximação das práticas em curso.

Em “a cruz e a espada” Celia Cristina da Selva Tavares fez uma análise entre os interesses da coroa lusitana e dos missionários jesuítas no começo da colonização e dos nativos que separaram essas instituições, culminando como triunfo do absolutismo. A atuação da Companhia de Jesus ganhou destaque nos séculos XVI, XVII e XVIII pelo

trabalho missionário nas américas no Brasil começaram em 1549, sua atuação durante esse período foi muito polemico, sendo por muitas vezes considerados maiores defensores da ortodoxia da fé católica em seu trabalho, ela investiga o processo inicial de associação entre a coroa portuguesa e a Companhia de Jesus.

Na América portuguesa especificamente ela vai dar maior destaque ao Estado do Maranhão na tentativa de contribuir com seu estudo sobre essa região, seu trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo que no capítulo 1 ela estabelece um quadro geral sobre os principais acontecimentos do século XVI, utilizando a classificação criada por Eduardo Hoonart para estudar o ciclo litorâneo da missão.

No segundo capítulo ela retrata os conflitos enfrentados pelos jesuítas durante o século XVIII, tanto no plano europeu, quanto na colônia, se utilizando das correspondências de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, forma o núcleo da fonte, além das chamadas obras polemicas que aparecem no contexto da reforma pombalina.

No capítulo 3 vai tratar do conflito entre colonos e jesuítas no Maranhão durante o século XVII, as principais fontes do capítulo foram o regimento das missões do Maranhão em 1686 junto com o regulamento das aldeias indígenas, e finalmente no último capítulo terá destaque como o caso do Padre Manoel Malagrida como fator emblemático dos conflitos que a Companhia de Jesus passou durante o século XVIII. Nesse capítulo terá como fonte base as bibliografias de Malagrida escritas durante o século XIX, além de documentos inquisitórios do processo contra o Padre, ressaltando o trabalho de Serafim Leite, a história da Companhia de Jesus no Brasil, como obra de fundamental importância para aqueles que estudam os jesuítas.

Pensando no estudo das missões dos jesuítas na região nordeste do Brasil, Ligio de Oliveira Maia em seu artigo “Aldeias e missões nas capitânicas do Ceará e Rio Grande: Catequese, violência e rivalidades”, relata que a atuação dos jesuítas nas então capitânicas do Ceará e do Rio Grande, a fins do século XVII e início do XVIII, se caracterizou por uma disputa de interesses, religiosos, de autoridades locais e de tropas paulistas, isso gerou um conflito generalizado de violência, que foi denominada “guerra do Açú” durante esse período vários vassallos d’El rei foram convocados para atuarem na região do conflito, principalmente missionários e tropas de paulistas, com o dever de apaziguarem os índios rebeldes catequizarem os gentios em aldeamentos cristãos.

Com medo de perderem sua influência nas capitânicas do Ceará e Rio Grande, áreas repletas de conflitos entre índios, autoridades da coroa, como dos jesuítas, se

uniram contra um novo inimigo as tropas paulistas, que possuíam a autorização do governo geral do Brasil.

Nesse contexto do conflito que marcou a guerra do Açu, a atuação do jesuíta enquanto um agente do governo português é um personagem de muita relevância, sua atuação se dava em áreas de disputa, entre religiosos sesmeiros e tropas paulistas, lutando cada um de um jeito pelo controle das terras, da mão de sena indígena e a conversão dos mesmos para a igreja.

Concluindo que, estavam em jogo a influencia desses setores nos conflitos, demonstrando a criação e manutenção de acordos e alianças, envolvendo os vários grupos indígenas naquele conflito generalizado, lutando pelo controle dos índios aldeados e dos que ainda estavam andando pelo sertão.

O termo “índio” surgiu para denominar as populações da América do Sul quando Cristóvão Colombo que acreditava ter chegado os índios orientais, marca o primeiro contato entre os povos nativos batizando-os de índios, (COUTO, 1998,P.64) estima em seus estudos que as populações nativas em 1500, ano da chegada dos portugueses ao Brasil era “um valor credível, referindo a existência de C. 2.500.00 indígenas a data da chegada da armada de Cabral”, Darcy Ribeiro (1999, P.31) aponta um número inferior, fora mais ou menos um milhão de nativos.

Os tupis e os guaranis estavam pelo controle do litoral, no início do século XVI, os tupis ocupavam uma parte considerável da costa, residindo entre o Cará e a Cananlia, região essa referente ao atual Estado de São Paulo, os guaranis, segundo Couto denominava: “Faixa litorânea situada entre a ilha da Cananlia e a lagoa dos patos (Rio Grande do Sul), além de importantes regiões do interior desse espaço”. (COUTO, 1998, p.56).

O artigo “Catequese e educação dos indígenas na colônia – alguns apontamentos” dos professores Mariza Domingos da Costa e Celio Juvenal Costa, ambos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), apontam alguns aspectos trabalhados pelos jesuítas para o sucesso da catequização, vejamos a seguir alguns deles:

Os Maus Costumes

Para a consolidação os jesuítas mantiveram uma forte pregação principalmente em relação a nudez das índias que gerava nos colonos sentimentos de cobiça ,levando conseqüentemente ao adúltero:

“Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não viram, é que andam todos, homens mulheres e crianças ,nus, como ao saírem do ventre materno, não só ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha”. (LERY, 1980,P. 113).

Para os nativos a nudez era algo natural, vivendo assim desde o seu nascimento, mas para os colonos isso era uma novidade, pois as mulheres europeias se cobriam toda com isso não havia uma naturalização do corpo, até mesmo no casamento, a nudez era um problema também nos aldeamentos, pois constrangia os missionários, tornando-se um dilema diário em suas vidas, pois, se eles forçassem os índios a usarem roupas os nativos poderiam criar uma revolta e tentaram fugir, exigindo o uso de roupas apenas nas missas, outro problema relacionado a vestimenta era que os jesuítas não possuíam roupas suficientes para distribuir aos índios, levando ao Padre Manoel da Nobrega pedir ao rei com frequência.

Uniãoes Matrimoniais

Era comum para os índios a união com mais de uma mulher, alguns líderes o faziam como forma de prestígio como afirma Jean de Lery: “Quanto maior o número de esposas; mais valentes são, considerados, o que transforma o vício em virtude” (Lery, 1980, P.223).

A ideia de casamento das mulheres nativas, era uma das preocupações dos missionários, a mancebia com os brancos em Carta de 1554 a Inácio de Loyola, José de Anchieta solicita meninos para a obra de evangelização, mas faz um alerta: “As mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguém, mas elas mesmas importunam os homens, jogando-se com eles nas redes porque temem por honra dormir com os cristãos”. (ANCHIETA, 1988, P.79).

Antropofagia

Com relação as questões antropofágicas o autor destaca que a abundância de alimentos, a produção e a coleta de alimentos, e as habilidades dos nativos com caça, pode-se constatar que, a antropologia não tinha o objetivo de matar a fome, mas sim, um ritual de extrema importância, esta cerimônia era praticada com certa regularidade: “Nas sociedades ameríndias, assumindo especial importância entre os povos tupis, particularmente no seio das várias comunidades que dominavam a costa brasileira: Potiguaras, Caeté, Tupinambá, tupiniquim e tamayor” (COUTO, 1998, P.102).

Os jesuítas tiveram dificuldades em fazer com que os índios deixassem de consumir certos tipos de bebidas, como por exemplo, o “cauim” uma espécie de bebida alcoólica consumida por eles durante suas festividades.

As feitiçarias

As divergências dos jesuítas com os Pajés, denominados feiticeiros ou curandeiros que tinham um importante papel no trecho, onde legavam o mundo físico e o espiritual, a figura do pajé é comentada, atribuindo a eles características maléficas:

“Usam de alguns feitiços e feiticeiros, não porque creiam neles, nem os adore, mas somente se dão a chupar suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saúde, mas não por parecer que há neles divindade, e mais o fazem por receber saúde que por algum respeito, entre eles se alevantam algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamam caraíba, santo ou santidade, e é de ordinário alguns índios de ruim vida; este faz algumas feitiçarias e causas estranhas a natureza, como mostras que ressuscita a algum vivo que se faz morte e com estas e outras coisas semelhantes traz após se todo o sertão, enganando-se” (CARDIM, 1980. P. 89).

Podemos perceber a depreciação e o empecilho que esses homens podiam ser a obra de evangelização, Anchieta em sua carta de 1555 ele ressalta: “Os que fazem estas feitiçarias que são mui apreciados dos índios, persuadem-lhes que em seu poder esta a vida ou a morte; não ousam contudo, aparecer diante de nos outros porque descobrimos suas mentiras e maldades” (ANCHIETA, 1988, P. 83).

Os jesuítas disputavam espaço com os pajés pois, queriam assumir o lugar deles como orientadores espirituais dos nativos, ou seja, os jesuítas queriam ser o canal de ligação entre os nativos e os seres sobrenaturais, seguindo a compreensão dos jesuítas, os feiticeiros impossibilitavam a salvação dos indígenas e isso deveria ser combatido. A passagem a seguir mostra uma disputa entre o Padre Manoel da Nobrega e um Pajé, o texto foi escrito pelo próprio Manoel da Nobrega, conseguindo vencer num adulto de palavras o feiticeiro, e o fazendo admitir que estivesse errado:

“Procurei encontrar-me com um feiticeiro o maior desta terra, ao qual chamavam todos para os curar em suas enfermidades; e lhe perguntei em virtude de que fazia ele estas causas e se tinha comunicação com o Deus que criou o céu e a terra e reinava nos céus ou acaso se comunicava com o demônio que estava no inferno? Respondeu-me com pouca vergonha que ele era Deus e tinha nascido Deus e me apresentou um a quem havia dado saúde, e aquele Deus dos céus era seu amigo e lhe parecia frequentes vezes nas nuvens, nos trovões e raios; e assim dizia muitas outras coisas. Esforcei-me vendo tanta blasfêmia em reuni toda a gente, gritando em vozes altas, mostrando-lhe o erro e contradizendo, por grande espaço de tempo aquilo que ele tinha dito: e isto, com a ajuda de uma língua, que eu tinha muito bom, o qual falava quanto eu dizia em voz alta e com as e com os sinais de grande

sentimento que eu mostrava. Finalmente ficou ele confuso e fez que se desdisse de quanto havia dito e emendasse a sua vida, e que eu pediria por ele a Deus que lhe perdoasse e depois ele mesmo pediu que o batizasse, pois, queria ser cristão e é agora um dos cathecimenos”. (NOBREGA, 1998,P.95).

A conversão nesse período se dava por palavras amorosas, mas depois foi deixada de lado e foi-se adotando um método mais radical utilizando a força bruta.

REFLEXÕES METODOLOGICAS/ASPECTOS TEORICO METODOLÓGICOS

Os jesuítas foram uma congregação religiosa muito e bastante eficiente, pois, seus princípios fundamentais que estavam pautadas na busca pela perfeição da raça humana por intermédio da palavra de Deus, a obediência quase cega a seus superiores, uma disciplina severa e regida, uma hierarquia baseada na estrutura militar e a valorização pessoal de seus membros. (LUZURIAUA).

“A companhia de Jesus como se sabe é composta de membros que tem a um tempo um caráter regular e secular, são membros de uma ordem religiosa com estatutos e autoridades próprias e do mesmo passo são sacerdotes ordenados que exercem todas as funções dos demais sacerdotes. Ao contrário das outras ordens religiosas, vivem no século, no mundo e a companhia de Jesus tem caráter sumamente em prendedor e combatorio, sua mesma designação já indica o caráter de milícia, assim como a organização, disciplina e espírito de obediência, tudo para a maior gloria de Deus, defendemos membros de um geral e, em cada nação de um provincial embora submetidos a vontade do papa”(LUZURIAUA, 1975, P118-119).

Com seu projeto educacional, os jesuítas e os portugueses que chegaram na colônia em busca de riquezas foram fundamentais para a formação da estrutura social, administrativa, e produtiva da sociedade que estava começando a surgir, devemos analisar o projetos educacional jesuítico levando em consideração o desenvolvimento produtivo e social do período colonial.

Segundo a fazenda (1976), o objetivo da Companhia de Jesus era formar um exercito fiel a igreja católica e que pudessem cometer as heresia e converter os chamados pagãos, pessoas que não eram cristãs e que tinham costumes e crenças diferentes. Para que pudessem cometer os vícios e pecados e purifica-los contra o mal, eles deveriam fazer um reconhecimento intelectual e científico. Na sociedade portuguesa da época, a situação dos jesuítas foi fundamental, pois eles davam todas as condições necessárias para a educação aos mais pobres, podemos concluir que se trataria de uma obra de caridade, afora dos ensinamentos eram os “ignorantes”, a ler e a

escrever. Segundo Vasconcelos (1977), a história da companhia de Jesus esta resumida em uma ambiguidades, pois:

“nenhuma instituição humana há sido julgado com mais parcialidade do que a dos jesuítas, para uns foram eles a idealização do poder católico, o tipo mais perfeito ao ministro do evangelho, nenhuma palavra, verdadeiros apóstolos, como em sua aparição, os denominou o povo: para outros semivaloriza o instituto de Loyola, a falsificação da fé, o relaxamento da moral cristã, a corrupção da disciplina eclesiástica, quando exigiam-no os interesses de sua egoísta política.” (VASCONCELOS, 1977, P. 40)

Com isso, podemos concluir que os missionários da companhia de Jesus detinham um projeto educacional, que mesmo submissos aos interesses portugueses, eles tinham autonomia contribuindo no sucesso dos objetivos da coroa, no que se refere ao processo de colonização e à povoamento, tornando-se a base da nova estrutura educacional e social da colônia portuguesa.

O modelo de educação dos jesuítas foi influenciado por varias correntes filosóficas, dentre as quais destacamos as teorias de Aristóteles e de São Thomas de Aquino. O movimento renascentista e a cultura europeia também tiveram grande influencia apresentando aspectos como a centralização, o autoritarismo da metodologia, a orientação universalista, a formação humana e literária bem como o uso da música.

O método de ensino que estabelecia o currículo e a orientação a ser seguida foi denominado, Ration S'tudiorun, instituído por Inácio de Loyola para supervisionar todas as atividades educacionais dos jesuítas, favorecendo três opções de curso: um curso secundário e dois superiores junto com os cursos de teologia e filosofia. Os cursos secundários tinham a duração de cinco anos, podendo ser prorrogado para seis meses, os cursos desta natureza eram focados na formação literária e humanista, pois a ministração do ensino era exclusivamente e classiais, vejamos a seguir o objetivo do curso de ciências humanas:

“A arte acabada de composição oral e escrita. O aluno deve desenvolver todas as suas facilidades. Postas em exercício pelo homem que se exprime e adquire a arte de vasar esta manifestação de si mesmo nos moldes de uma expressão perfeita. As classes de gramática asseguravam-lhe uma expressão rica e elegante, a de retórica maestria perfeita na expressão poderosa e convincente.” (FRANCA, 1952. P. 49).

Para Leonel Franca (1952), os universitários que organizavam seus estudos através do Ration Studion objetivavam a formação profissional do homem. Já os cursos secundários tinham por finalidade de formar um humanista, o homem para viver em

sociedade. Os jesuítas elaboravam no Brasil um plano de estudo de forma, tendo como base o Ration S'tudion:

(...) diversificada, com o objetivo de entender a diversidade de interesses de capacidade, começando pelo aprendizado do português, incluía-se o ensino da doutrina cristã, a escolar, de ler e escrever. Daí em diante, continua em caráter. Aprincipal, o ensino de canto, orfeônico e de música instrumental, e uma bifurcação tendo em uma dos lados o aprendizado profissional e agrícola e , de outra, aula de gramática e viagem de estudos a Europa.(RIBEIRO, 1998,P. 21-22).

O trabalho jesuítico focado na educação dos nativos dos aldeamentos, apresentou duas fases distintas: a evangelização pelo amor e a evangelização pela força após a chegada de men de sá esta primeira fase também recebeu outros nomes, como por exemplo pregação tradicional por Balta Neves (1978), já a segunda fase foi denominada a educação pela submissão da força é importante estabelecer que os conceitos de educação e evangelização estavam ligados. O Padre Manoel da Nobrega já demonstrava, após a sua chegada, uma preocupação com a questão da leitura e da escrita, ele afirma em carta de 1549 que o irmão Vicente Rijo, introduzia as crianças indígenas nos rudimentos das primeiras letras. Paiva (200, p.43), faz uma profunda discussão ao questionar porque era tão importante as letras e o que significava a instrução para os jesuítas: “Quando nem em Portugal o povo era alfabetizado” e finaliza dizendo que “as letras deveriam significar adesão plena a cultura portuguesa”.

Evangelização dos Curumins

Uma das estratégias pelos jesuítas foi a evangelização dos curumins, ou seja, as crianças indígenas, pois os mesmos, poderiam se tornar instrumentos para a expansão da fé cristã por varias razões pois tinham menos influencias dos pajés e de seus costumes, pois ainda não tinham maturidade suficiente para viverem de acordo com as tradições, ao passo, que fossem crescendo na doutrina cristã, eles poderiam se tornar os mais novos porta-vozes de cristã, influenciando as demais pessoas da tribo.

Desde sua chegada, Nobrega observava que as crianças demonstravam em aprender a ler e a escrever, deixando registrado que:

“O irmão Vicente Rijo, ensina a doutrina aos meninos, cada dia e também tem escolas de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra, aos quais tem grandes desejos de aprender e, perguntadas se querem, mostram grandes desejos desta maneira irlhes-ei ensinando orações e doutrinando-os na fé até serem hábeis para o batismo”. (NOBREGA, 1988,p.72)

As crianças indígenas viviam livres, sem castigos, em meio a diversas brincadeiras, e ao lado de seus pais, a liberdade para eles era sentida desde o momento, as nativas deixavam seus filhos sem qualquer tipo de faixa, deixando suas pernas livres para se movimentarem, algo muito diferente das mulheres europeias, que após darem a luz enfaixavam suas crianças. Sobre a educação infantil nas aldeias Cardim retrata que: [...] amam os filhos extraordinariamente... e não lhes dão nenhum gênero de castigo...estimam mais fazerem bem aos filhos que a si próprios, e agora estimam muito e amam os padres, porque os criam e ensinam a ler, escrever e contar, cantar e tanger, coisas que muito estimam.(CARDIM, 1980, P.91).

Para os jesuítas, as crianças deveriam ser levadas cedo, e retiradas da convivência dos outros nativos de sua tribo, para não serem influenciadas pela cultura indígena e assim não resistirem a dominação.

“O culumim, o Padre ia arranca-lo verde a vida selvagem: com dentes apenas de leite para morder a mão intrusa do civilizador: ainda indefinido na moral e vago nas tendências. Foi, pode se dizer, o eixo da atividade missionaria: dele o jesuíta fez o homem artificial que quis”. (FREYRE, 1987,P.147).

Nos primeiros tempos da evangelização a criança começa, aprendiz dos missionários, recebia os ensinamentos na própria tribo, ajudando a todos os demais que se interessem a aprender. Com isso, todos da sua casa recebiam os ensinamentos:

“O processo civilizador dos jesuítas consistiu principalmente nesta conversão: no filho educar o pai; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do senhor e dos europeus a gente grande”. (FREYRE, 1987,P.147).

Os jesuítas também assumiam o papel de pais, no que se refere a educação, de acordo com os ensinamentos cristãos, cuidando de sua segurança e os corrigindo quando necessário, a ideia era fazer com que os pais das crianças, que ainda viviam com seus costumes, acabassem abandonando, sendo corrigidos pelos filhos.

“Temos também em casa conosco alguns filhos de gentios, que atraímos para nós de diversas partes, e estes até abominam os costumes paternos a tal ponto que, passando por aqui para outro lugar o pai de um e vendo o filho este longe demonstra para com ele o amor de um filho, pelo contrario só lhe falava encarecidamente e de má vontade, e compelido por nós”. (ANCHIETA, 1968,P:52).

No intuito de atrair as crianças indígenas usaram meninos órfãos brancos para que com seus campos brincadeiras servissem de atrativo para as crianças indígenas.

A primeira tentativa de catequização foi ineficaz, pois logo depois que os Padres iam comemorar, os nativos iam de encontro ao pajé que abandonavam a fé, indo encontrar os seus costumes, o ensino das crianças ajudava, mas não abraçava a quantidade de nativos ideal, sendo assim, era um momento de mudar as estratégias. Era de uma fundamental importância abraçar as almas, batizar o movimento mesmo sem a autorização de sua família para que ele fosse salvo, para demonstrar um trecho, o ardor jesuítico e o empenho para realizar seu trabalho:

(...) Como alguém que vasculha as montões de lixo a espera de algum atalho preciso, os jesuítas correm as aldeias anunciam a mensagem da salvação, procuram em cada conta alguém que esteja morrendo e cumpridas as mínimas linguagens batizar e dar graças a Deus pela alma que, dessa vez, não for para o inferno. (PAIVA, 2006,P.57).

Logo após sua chegada, em carta de Piratininga enviada a Companhia de Jesus em 1554, Anchieta manifesta suas impressões pouco animadoras, sobre as populações indígenas, podendo ser interpretada como um desabafo, dado as primeiras tentativas fracassadas de evangelização:

“Não sujeitos a nenhum rei ou capitão, só tem alguma conta os que alguma façanha fizeram, digna de homem valente, e por isso comumente retratam, porque não há quem os obriguem a obedecer; os filhos dão obediência aos pais quando lhes parecem; finalmente, cada um é rei em sua casa e vive como quer; pelo o que nenhum ou certamente muito pouco fruto de pode colher deles, se a força e o auxílio do abraço secular, não acudirem para doma-los e submete-los ao julgo da obediência.” (ANCHIETA, 1988,P.55).

Quanto da grande quantidade de trabalho e a falta de interesse dos índios em aceitar os ensinamentos pode se imaginar o sentimento de impotência dos jesuítas, pois apenas de tudo, eles aceitaram o desafio de propagar a fé cristã numa terra em que havia apenas. “A floresta virgem, bixos, o vazio, as distancias, a rarefação de população e a falta de recursos de toda a ordem”. (PAIVA, 2000,P.44).

Com isso é possível concluir que os missionários tinham uma forte determinação em salvar as almas dos gentios do inferno. Após sua chegada mem de sá ofereceu ajudar aos jesuítas, castigando os nativos que não cumprissem os mandamentos cristãos, os

governantes locais ofereciam homens e munição para assegurar a lei e a ordem gerando medo aos índios, sendo forçados a obedecer. O Padre Manoel da Nobrega acreditava na conversão através da força, no trecho a seguir relata que após a prisão de um feiticeiro que desafiaria as leis da igreja, os jesuítas entendiam que esse ato de rebeldia não eram apenas contra eles, mais ao cristianismo e que se não fizessem nada isso poderia comprometer a salvação das almas.

Os nativos passaram por um processo de aculturação, em um primeiro momento, abandonando sua cultura e investindo uma nova, que era aquela repassada pelos jesuítas, e representaria a cultura portuguesa do período. Os jesuítas não queriam obstruir a cultura dos indígenas, não de maneira conscientes mais eles acreditavam que estavam servindo a Deus e a humanidade, lutando pela salvação das “almas perdidas” por intermédio da palavra de Deus, ensinando e redimindo os nativos, com isso acabaram deixando seu legado na história da educação no Brasil.

MÉTODOS/DESENHO DOS INSTRUMENTAIS DE PESQUISA

A presente metodologia estará ancorada primeiramente no mapeamento do estado da arte do objeto de estudo em questão. Sendo assim, o primeiro passo será dado no sentido de fazer um levantamento das principais obras consideradas fundamentais para o estudo sobre a companhia de Jesus e seu projeto de educação para a América portuguesa colonial. Dada a vastidão de obras publicadas elencamos como principais critérios de seleção das obras a sua relevância e seu reconhecimento no campo da pesquisa histórica no Brasil. Por outro lado, não seremos desatentos a produção acadêmica, mas recente que permanece alimentando pesquisas sobre essa mesma temática. Para isso, buscaremos em revistas acadêmicas de circulação nacional, artigos que contemplem a análise do referido objeto de estudo do presente projeto de pesquisa.

Após essa etapa, partiremos para um levantamento de publicações nas revistas o Instituto Histórico do Ceará identificarmos como era interpretado o projeto de educação promovido pela companhia de Jesus na América portuguesa, de modo geral e no Ceará, especificamente.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES

Silvia Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de Índios no Ceará grande: dinâmicas locais sob o território pombalino**, Campinas, SP. Ano:2003.

RIBEIRO, Marília. **Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional português**

IN: Clio- serie revista de pesquisa histórica – Nº 27-2. Ano: 2009.

IN: revista educar Curitiba, Editora: UFF, Nº31-, p.169-189, ano 2008.

LEITE. Serafim. **Historia da Companhia de Jesus no Brasil**. Ano:1938.

GAMBINE, Roberto. **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena**. Rio de Janeiro 1988, ed: espaço e tempo.

TAVARES. Celia Cristina da Silva. **Entre a Cruz e a Espada; Jesuítas e a América Portuguesa**. Niterói 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

Mariza Domingos da Costa e Cecilio Juvenal Costa. **Catequese e educação Indígena na colônia**. UEM. Ano:2009

LEAL. Vinícios Barros. **Os jesuítas no Ceará**. Ano: 1997.

VILLALTA. Luiz Carlos. **A educação na colônia e os jesuítas: discutindo alguns mitos**.

TALDIVO. Patricia da Silva. **A atuação da Companhia de Jesus no Brasil Colônia**. Maringá, ano: 2014.

OLIVEIRA. Anderson dos Santos. **Atuação catequética – Educacional dos jesuítas na América portuguesa quinhentista e a mentalidade mercantil**, Florianópolis. Ano: 2014.

Alexandre Shigunou Neto e Elisete Shinzue Bamura Mariel. **O ensino jesuítico do período colonial brasileiro: Algumas discussões**.

PINHEIRO. Francisco José. **As relações Inter éticas no espaço cearense: uma história marcada pelo conflito**. Departamento de história da UFC.

FONSECA. Thais Nivia de Lima. **Educação na América portuguesa: Sujeitos, dinâmicas, sociabilidades.** UFMG:Ano:2014: Ed: UFTR.

De oliveira maca, Ligio. **Aldeias e missões nas capitâneas do Ceará em Rio Grande: Catequese, violência e rivalidade**, resulta tempo vol. 19, num. 3, 2013. P. 7-22. Universidade Federal Fluminense Niteroi.

Sites:

cearaemfotos.blogspot.com

coisadecearense.com.br